

ALEJANDRO ZAMBRA  
BONSAI  
&  
A VIDA PRIVADA  
DAS ÁRVORES

*Tradução*

Josely Vianna Baptista

# Prefácio

A história de *Bonsai* é a história longa de um livro breve. Há nove anos, em certa manhã de 1998, vi no jornal a fotografia de uma árvore coberta por um tecido transparente. A imagem pertencia à série *Wrapped Trees*, de Christo e Jeanne-Claude, esses artistas que há décadas percorrem o mundo embrulhando paisagens e monumentos nacionais. Lembro que escrevi, naquela época, um poema não muito bom que falava de árvores cerradas, encerradas. E depois topei com os bonsais, tão parecidos, em certo sentido, às árvores de Christo e Jeanne-Claude, ainda que abreviadas, à força, pelos caprichos da poda.

Escrever é como cuidar de um bonsai, pensei então, e penso agora: escrever é podar a ramagem até tornar visível uma forma que já estava lá, entocada; escrever é aramar a linguagem para que as palavras digam, de uma vez, o que queremos dizer; escrever é ler um texto não escrito.

Quería escrever – queria ler – um livro que se chamasse *Bonsai*, mas não sabia como: tinha apenas o título e um punhado de poemas que crescia e decrescia no decorrer dos meses. É dessa época “O aramado”, um dos poucos textos que conservo, e que transcrevo agora, como uma homenagem a essas horas perdidas:

De qualquer modo a árvore continua  
Seu absurdo crescimento nos arames  
Até mesmo se sua forma se detém  
Uma árvore é um surto de raízes  
Que arreventam as costuras da bolsa  
Até mesmo se seus galhos se detém  
E perfazem a figura suspeita  
Do tempo acomodado em seu vaso  
A árvore continua nos arames  
Crescendo como uma árvore cresceria.

A controversa beleza dos bonsais me reportava a uma cena ou a uma história que eu não queria contar, apenas evocar: a história de um homem que em vez de escrever – de viver – preferia ficar em casa observando o crescimento de uma árvore. Esse homem não era eu, naturalmente, mas um difuso personagem que eu contemplava de uma certa distância. Porém, na primavera de 2001, essa distância tendeu a desaparecer, pois dois amigos me deram de presente um pequeno olmo (“para que você escreva seu livro”, me disseram), de maneira que me vi, de repente, transformado no personagem de uma história que ainda não havia escrito. Cuidei do bonsai o melhor que pude: consegui manuais, consultei especialistas, e até mesmo, num arroubo de paternidade responsável, assinei a revista *Bonsái Actual*. Pouco depois parti para Madri, por um ano. Quando voltei o olmo estava completamente seco.

Não lembro quando, exatamente, *Bonsai* começou a ser (ou parecer) um romance. Eu desconfiava da ficção; e desconfiava, particularmente, de que fosse capaz de contar uma história, de que houvesse, para mim, uma história para contar. Não queria escrever um romance, e sim um resumo de romance. Um bonsai de romance. Borges aconselhava a escrever como

quem redige o resumo de um texto já escrito. Foi o que fiz, o que tentei fazer: resumir as cenas de um livro inexistente. Em vez de somar, subtraía: completava dez linhas e apagava oito; escrevia dez páginas e apagava nove. Operando por subtração, somando pouco ou nada, encontrei a forma de *Bonsai*.

Escrevi o romance, finalmente, nos primeiros meses de 2005. Antes de publicá-lo eu o li e gostei, embora não fosse o livro que quisesse ler. Pouco depois comecei *A vida privada das árvores*, um romance que, em mais de um sentido, é o avesso de *Bonsai*.

Walter Benjamin dizia que a arte de contar histórias é a arte de saber como continuar a contá-las. Não sei se entendo bem a frase, mas me parece oportuna para encerrar estas linhas. De novo: a arte de contar histórias é a arte de saber como continuar a contá-las.

**Alejandro Zambra**

“Árboles cerrados”, in: *Não ler*

Agosto, 2007

TUSQUETS  
EDITORES

**BONSAI**

TUSQUETS  
EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

*Para Alhelí*

TUSQUETS  
EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

*Passavam-se os anos, e a única pessoa  
que não mudava era a jovem do seu livro.*

YASUNARI KAWABATA

TUSQUETS

*A dor se talha e se detalha.*

GONZALO MILLÁN

EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

**I. Vulto**

TUSQUETS  
EDITORES

*No final, ela morre e ele fica sozinho, ainda que na verdade ele já tivesse ficado sozinho muitos anos antes da morte dela, de Emilia. Digamos que ela se chama ou se chamava Emilia e que ele se chama, se chamava e continua se chamando Julio. Julio e Emilia. No final, Emilia morre e Julio não morre. O resto é literatura:*

A primeira noite em que dormiram juntos foi por acaso. Ia ter prova de Sintaxe Espanhola II, matéria que nenhum dos dois dominava, mas, como eram jovens, teoricamente estavam dispostos a tudo, até a estudar Sintaxe Espanhola II na casa das gêmeas Vergara. O grupo de estudo acabou sendo bem mais numeroso do que o previsto: alguém colocou música, dizendo que costumava estudar com música, outro trouxe vodca, argumentando que era difícil se concentrar sem vodca, e um terceiro foi comprar laranjas, porque não suportava tomar vodca sem suco de laranja. Às três da manhã, completamente bêbados, resolveram ir dormir. Embora Julio preferisse passar a noite com uma das irmãs Vergara, resignou-se rapidamente a dividir o quarto de empregada com Emilia.

Julio não gostava que Emilia fizesse tantas perguntas nas aulas, e Emilia se aborrecia porque Julio passava de ano quase sem aparecer na faculdade, mas naquela noite ambos descobriram as afinidades emotivas que com um pouco de boa vontade qualquer casal é capaz de descobrir. Nem é preciso dizer que foram muito mal na prova. Uma semana depois, para o exame de recuperação, voltaram a estudar com as Vergara e dormiram juntos novamente, mas nesta segunda vez não precisaram dividir um quarto, pois os pais das gêmeas tinham viajado para Buenos Aires.

Pouco antes de se envolver com Julio, Emilia decidiu que dali pra frente só *follaría*, treparia, como os espanhóis, não faria mais amor, não deitaria nem transaria com mais ninguém, muito menos foderia ou fuderia. Este é um problema chileno, disse Emilia, então, a Julio, com uma desenvoltura que só lhe nascia na escuridão, e em voz bem baixa, naturalmente: Este é um problema dos jovens chilenos, somos jovens demais para fazer amor, e no Chile, se você não faz amor, só pode foder ou fuder, mas eu não gostaria de fuder nem de foder com você, preferiria que nós trepássemos, como na Espanha.

Mas na época Emilia não conhecia a Espanha. Anos mais tarde, moraria em Madri, cidade onde treparia bastante, mas não mais com Julio, e sim, basicamente, com Javier Martínez e com Ángel García Atienza e com Julián Albuquerque e até, mas só uma vez e um pouco forçada, com Karolina Kopeć, sua amiga polonesa. Mas naquela noite, naquela segunda noite, Julio se transformou no segundo parceiro sexual da vida de Emilia, ou, como dizem as mães e as psicólogas com certa hipocrisia, no segundo homem de Emilia, que passou, por sua vez, a ser o primeiro relacionamento sério de Julio. Julio fugia dos relacionamentos sérios. Não se escondia das mulheres, mas da seriedade, pois sabia que a seriedade era tanto ou mais

perigosa que as mulheres. Julio sabia que estava condenado à seriedade, e tentava, obstinadamente, torcer seu destino sério, passar o tempo na estoica espera daquele espantoso e inevitável dia em que a seriedade chegaria para se instalar para sempre na sua vida.

TUSQUETS  
EDITORES

**A VIDA PRIVADA  
DAS ÁRVORES**

TUSQUETS  
EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

*Para Alhelí e Rosário*

TUSQUETS  
EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

*Não tenho lembranças de infância.*

GEORGES PEREC

*... como a vida privada das árvores ou  
dos naufragos.*

ANDRÉS ANWANDTER

EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

## **I. Invernadouro**

TUSQUETS  
EDITORES

Julián distrai a menina com *A vida privada das árvores*, uma série de histórias que inventou para fazê-la dormir. Os protagonistas são um álamo e um baobá que de noite, quando ninguém está vendo, conversam sobre fotossíntese, esquilos ou sobre as numerosas vantagens de serem árvores e não pessoas ou animais ou, como eles dizem, estúpidos pedaços de cimento.

Daniela não é sua filha, mas é difícil para ele não pensar nela como filha. Faz três anos que Julián chegou à família, pois foi ele quem chegou, Verónica e a menina já estavam lá, foi ele quem se casou com Verónica e, de certa forma, também com Daniela, que no começo resistiu, mas aos poucos foi aceitando sua nova vida: Julián é mais feio do que o meu pai, mas é simpático do mesmo jeito, dizia para as amigas, que assentiam com imprevista seriedade, e mesmo com gravidade, como se de repente compreendessem que a chegada de Julián não era um acaso. Com o passar dos meses, o padrasto conseguiu até um lugar nos desenhos escolares de Daniela. Há um deles, particularmente, que Julián mantém sempre à vista: os três estão na praia, a menina e Verónica fazem bolos de areia, e ele aparece de jeans e camisa, lendo e fumando sob um sol perfeito, redondo e amarelo.

Julián é mais feio do que o pai de Daniela; em compensação, é mais jovem, trabalha mais e ganha menos, fuma mais e bebe menos, faz menos esporte – não faz absolutamente nada de esporte – e sabe mais de árvores que de países. É menos branco e menos simples e mais confuso do que Fernando – Fernando, pois assim se chama o pai de Daniela: ele precisa de um nome, mesmo não sendo, exatamente, inimigo de Julián nem de ninguém. Pois não há, na verdade, um inimigo. E o problema é justamente este, não haver inimigos nesta história: Verónica não tem inimigos, Julián não tem inimigos, Fernando não tem inimigos e Daniela, tirando um coleguinha folgado que vive fazendo caretas para ela, também não tem inimigos.

Às vezes, Fernando é uma mancha na vida de Daniela; mas quem não é, de vez em quando, uma mancha na vida de alguém?

Julián é Fernando menos a mancha, mas às vezes Fernando é Julián menos a mancha.

E quem é Verónica?

Por enquanto, Verónica é alguém que não chega, que ainda não voltou de sua aula de desenho. Verónica é alguém que falta, levemente, no cômodo azul – o cômodo azul é o quarto de Daniela, e o cômodo branco é o quarto de Verónica e Julián. Há também um quarto verde, que eles chamam, brincando, de quarto de hóspedes, porque não seria fácil dormir naquela desordem de livros, pastas e pincéis. À maneira de um sofá desconfortável, ajeitaram o grande baú onde meses antes guardaram as roupas de verão.

Nas últimas horas de um dia normal, costumam manter uma rotina impecável: Julián e Verónica saem do quarto azul quando Daniela adormece, e depois, no quarto de hóspedes, Verónica desenha e Julián lê. De tempos em tempos, ela o interrompe, ou ele a interrompe, e essas interferências mútuas constituem diálogos, conversas banais ou, eventualmente, importantes, decisivas. Mais tarde, se mudam para o quarto branco, onde veem tevê ou fazem amor, ou começam a discutir – nada sério, nada que não possa ser resolvido imediatamente, antes do filme acabar, ou até que um dos dois ceda, por estar a fim de dormir ou de trepar. O final recorrente dessas brigas é uma transa rápida e silenciosa, ou então uma transa demorada, que deixa escapar suaves risos e gemidos. Depois, vêm cinco ou seis horas de sono. E aí começa o dia seguinte.

Mas esta não é uma noite normal, pelo menos ainda não. Ainda não é completamente certo que haverá um dia seguinte, pois Verónica não regressou da aula de desenho. Quando ela voltar, o romance acaba. Mas enquanto não volta, o livro continua. O livro segue em frente até ela voltar ou até Julián ter certeza de que ela não voltará mais. Por enquanto, está faltando Verónica no quarto azul, onde Julián distrai a menina com uma história sobre a vida privada das árvores.

Neste exato momento, refugiadas na solidão do parque, as árvores comentam o infortúnio de um carvalho em cuja casca duas pessoas gravaram seus nomes como prova de amizade. Ninguém tem o direito de fazer uma tatuagem sem o seu consentimento, opina o álamo, e o baobá é ainda mais enfático: o carvalho foi vítima de um lamentável ato de vandalismo. Essas pessoas merecem um castigo. Não vou descansar até que

tenham o castigo que merecem. Vou percorrer céus, mares e terras a persegui-los.

A menina ri com gosto, sem o menor sinal de sono. E faz as perguntas de praxe, nunca é uma única pergunta, são pelo menos duas ou três, feitas com pressa e ansiedade: O que é vandalismo, Julián? Você pode buscar um copo de limonada pra mim, com três cubinhos de açúcar? Alguma vez, você e a mamãe já riscaram uma árvore como prova de amizade?

Julián responde pacientemente, tentando respeitar a ordem das perguntas: Vandalismo é o que os vândalos fazem, os vândalos são pessoas que estragam as coisas pelo puro prazer de estragá-las. E sim, claro que eu posso buscar um copo de limonada. E não, eu e sua mamãe nunca gravamos nossos nomes na casca de uma árvore.

No começo, a história de Verónica e Julián não foi uma história de amor. Na verdade, eles se conheceram mais por motivos comerciais. Ele vivia, na época, os estertores de um prolongado namoro com Karla, uma mulher distante e sombria que por um triz não virou sua inimiga. Não havia para eles grandes motivos de comemoração, mas mesmo assim Julián ligou, por indicação de um colega de trabalho, para Verónica, a doceira, e encomendou um bolo três leites, que acabou alegrando bastante o aniversário de Karla. Quando Julián foi buscar o bolo no apartamento de Verónica, o mesmo onde vivem agora, viu uma mulher morena e magra, de cabelos longos e lisos, olhos escuros, uma mulher, por assim dizer, chilena, de gestos nervosos, séria e alegre ao mesmo tempo; uma mulher bonita, que tinha uma filha e talvez tivesse também um marido. Enquanto esperava, na sala, que Verónica terminasse de embalar o bolo, Julián conseguiu entrever o rosto branco de uma

menina bem pequena. Depois, houve um breve diálogo entre Daniela e sua mãe, um diálogo áspero e cordial, cotidiano, talvez uma queda de braço sobre escovar os dentes.

Seria inexato dizer que naquela tarde Julián ficou vidrado em Verónica. A verdade é que houve três ou quatro segundos de bobeira, ou seja, Julián devia ter saído daquele apartamento três ou quatro segundos antes, e se não o fez foi porque gostou de ficar olhando por mais três ou quatro segundos o rosto escuro e nítido de Verónica.

Julián termina seu relato, satisfeito com a história que contou, mas Daniela não só não dormiu como parece animada, disposta a levar a conversa adiante. Com delicado rodeio, a menina começa a falar do colégio até confessar, de imprevisito, sua vontade de ter cabelo azul. Ele sorri, pensando que se trata de um desejo metafórico, como o sonho de voar ou de viajar no tempo. Mas ela fala sério: Duas meninas e até um menino da minha sala pintaram o cabelo, diz, eu também quero ter pelo menos uma mecha azul – não sei se azul ou vermelha, ainda não decidi, murmura, como se a decisão dependesse dela. É um assunto novo: Julián acha que de tarde a menina falou com a mãe sobre isso, e agora quer a aprovação do padrasto. E o padrasto ensaia, às cegas, uma posição no jogo: Você só tem oito anos, por que vai estropiar o cabelo sendo ainda tão pequena, diz a ela, e improvisa uma efusiva história familiar que de um jeito ou de outro demonstra que é loucura tingir o cabelo. O diálogo prossegue até que, um pouco irritada, a menina começa a bocejar.

Vê Daniela dormindo e se imagina, aos oito anos, dormindo. É automático: vê um cego e se imagina cego, lê um bom

poema e se pensa escrevendo-o, ou lendo-o, em voz alta, para ninguém, animado pelo som obscuro das palavras. Julián só atenta para as imagens, acolhe-as e depois esquece-as. Talvez tenha se limitado a seguir imagens desde sempre: não tomou decisões, não perdeu nem ganhou, só se deixou atrair por certas imagens e seguiu-as, sem medo e sem coragem, até se aproximar delas ou apagá-las.

Deitado na cama do quarto branco, Julián acende um cigarro, o último, o penúltimo ou talvez o primeiro de uma noite longa, longuíssima, fatalmente destinada a repassar os prós e os contras de um passado francamente nebuloso. No momento, a vida é um rolo que parece resolvido: foi convidado para uma nova intimidade, para um mundo onde lhe cabe ser uma espécie de pai de Daniela, a menina que dorme, e o marido de Verónica, a mulher que não chega, ainda, de sua aula de desenho. Adiante, a história se dispersa e quase não há maneira de continuá-la, mas, por ora, Julián consegue certo distanciamento, e dali olha, com atenção, com legítimo interesse, a reprise de uma antiga partida entre o Inter e o Reggina. É evidente que a qualquer momento vai sair o gol do Inter, e Julián não quer, por nada no mundo, perder esse gol.